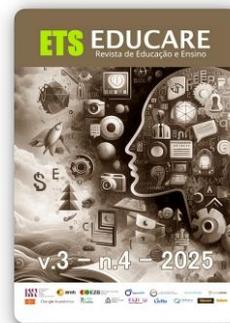


Artigo:

## As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book"

*The possibilities of cinema in the classroom: "Green Book"*

*Las posibilidades del cine en el aula: "Green Book"*



GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.

### **Evelin Alves Rodrigues Garcia**

*Pós-Graduada em Ciências Humanas: História, Filosofia e Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC- RS)*

### **Letícia da Silva Leite**

*Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP)*

### **Maiara Pontes da Silva**

*Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP)*

### **Maria Betânia Domingos da Silva Moreira**

*Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP)*

### **Resumo**

O presente ensaio busca propor uma análise historiográfica a partir do filme "Green Book: O Guia", indicado ao Oscar de 2019 em cinco categorias. A pesquisa realizada busca apresentar maneiras de utilizar o filme em sala de aula, levando em conta que teve inspiração em acontecimentos reais, e mais do que isso, utilizou uma fonte real, o "The Negro Motorist Green Book". Serão analisados elementos através da música e as possíveis aplicações em sala de aula, levando em consideração a lei nº10.639/2003, que regulariza a obrigatoriedade do ensino de história afro-brasileira nas escolas públicas brasileiras.

**Palavras-chave:** legislação, Green Book, cinema, educação.

### **Ets Educare**

Revista de Educação e Ensino

Educare et Sabere

e-ISSN: 2965-4165

Periodicidade: Fluxo Contínuo

n.4, v.3, 2025

URL: <https://esabere.com/index.php/educare>



Esta obra está sob Licença Internacional Creative Commons 4.0.  
Copyright (c) do(s) Autor(es)

GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.. As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book". *Ets Educare* - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.4, v.3, p.1-18, 2025. e-ISSN 2965-4165  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15200342>

## Abstract

This essay aims to propose a historiographical analysis based on the film “Green Book”, nominated for the 2019 Oscar in five categories. The research aims to present ways to use the film in the classroom, taking into account that it was inspired by real events, and more than that, it used a real source, “The Negro Motorist Green Book”. Elements will be analyzed through music and possible applications in the classroom, taking into account law nº10.639/2003, which regulates the mandatory teaching of Afro-Brazilian history in Brazilian public schools.

**Keywords:** legislation, Green Book, cinema, education.

## Resumen

Este ensayo busca proponer un análisis historiográfico a partir de la película “Green Book”, nominada al Oscar 2019 en cinco categorías. La investigación realizada busca presentar formas de utilización de la película en el aula, teniendo en cuenta que se inspiró en hechos reales, y más que eso, utilizó una fuente real, “The Negro Motorist Green Book”. Se analizarán elementos a través de la música y sus posibles aplicaciones en el aula, teniendo en cuenta la ley nº10.639/2003, que regula la enseñanza obligatoria de la historia afrobrasileña en las escuelas públicas brasileñas.

**Palabras clave:** legislación, Libro Verde, cine, educación.

GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.. As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book". *Ets Educare - Revista de Educação e Ensino*, Curitiba, n.4, v.3, p.1-18, 2025. e-ISSN 2965-4165  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15200342>

## INTRODUÇÃO

*Green Book: O Guia* é um filme produzido em 2018 dirigido pelo norte-americano Peter Farrelly e tem uma narrativa baseada na vida real de Donald Walbridge Shirley (Don Shirley) e Frank Anthony Vallelonga (Tony Lip). Ademais, o longa-metragem tem como base, e que dá nome ao filme, o *The Negro Motorist Green Book*, que em tradução livre significa "O Livro Verde do Motorista Negro", uma espécie de manual que tinha o objetivo de informar os lugares que eram seguros para serem frequentados por pessoas negras.

A obra cinematográfica foi indicada a diversos prêmios do Oscar em 2019: melhor montagem, melhor ator, pelo papel de Viggo Mortensen como Tony Vallelonga, melhor ator coadjuvante com Mahershala Ali interpretando Don Shirley, melhor roteiro original e melhor filme – sendo essas últimas três vencedoras em suas categorias. Também foi destaque no Globo de Ouro e no Prêmio BAFTA de Cinema.

A vitória como melhor filme do ano de 2019 não foi muito bem vista por parte dos críticos e telespectadores. Tal fato envolvia tanto a produção quanto o enredo. Esta película pode ser usada com cunho pedagógico envolvendo temas como as treze colônias, leis segregacionistas, o racismo, dentre outros assuntos que são menos latentes dentro da narrativa como a homossexualidade e a xenofobia. O objetivo, além do conteúdo programático, seria o conhecimento identitário e a exemplificação, dado que muitos alunos ainda apresentam a falta do autoconhecimento e há a dificuldade de imaginar as verdadeiras proporções que tomaram as leis de segregação. No Brasil, africanidades e afrobrasilidades são, por lei (nº10.639/2003) exigidas nas escolas.

O uso do assunto não restringe-se apenas para a sala de aula, mas, ademais, para a educação como uma disciplina, podendo ser relacionada a outros conceitos como a música.

## GREEN BOOK

A nomeação *Green Book* pode, portanto, ser um nome tanto do livro de Victor H. Green, como também do filme renomado, que, em português, acrescenta-se "*O Guia*" em seu título.

## THE NEGRO MOTORIST GREEN BOOK

O autor de *Green Book* é Victor Hugo Green, nascido em Manhattan, Nova York, em 1892, e crescido em Hackensack, Nova Jersey. Green torna-se carteiro por meados de 1913 ainda em Nova Jersey e muda-se para Harlem em Nova York apenas depois de casar-se com Alma Duke em 1918, continuando a exercer sua profissão de distribuir correspondências.

Harlem era um bairro notável pela concentração de arte e cultura negra na cidade e dispôs, inclusive, de um movimento denominado "Renascimento de Harlem" que era referente a uma nova forma de apresentar arte de pessoas pretas, onde falavam sobre si, de sua subjetividade, por meio de suas obras.

Os Estados Unidos estão, nesse período, permeados pela segregação racial, principalmente a região sul do país, que exigia, por exemplo, que afroamericanas se dispusessem em espaços, como hotéis e restaurantes, separados de pessoas brancas. Como uma forma de evitar humilhações e até mesmo agressões (ou mortes) desnecessárias, Victor Hugo Green escreve um guia para que negros possam ter maior segurança ao viajarem. *The Negro Motorist Green Book* (O Livro Verde do Motorista Negro) tem sua primeira versão publicada em 1936 e contava com um total de dez páginas com diferentes localidades, principalmente em Nova York, consideradas seguras para pessoas pretas comerem, abrigarem-se e outras trivialidades.

O *Green Book* mostrou-se uma grande aquisição e, como consequência, foi crescendo com o passar dos anos, aumentando, dessa forma, a quantidade de espaços, bem como a de cidades. Em 1940 já tinham-se grandes números de estabelecimentos que eram considerados não discriminatórios e seguros para que indivíduos pretos frequentassem. Além disso, era incentivado que houvesse divulgação de informações sobre mais lugares, podendo receber, assim, uma recompensa em dinheiro caso a

indicação fosse útil, para que, dessa maneira, mais ambientes fossem difundidos entre essa comunidade negra. O guia teve edições anuais de 1936 a 1966 e foi considerado um evidente, apesar de menosprezado, dispositivo de segurança rodoviária.

## GREEN BOOK: O GUIA

Eleito o melhor filme de 2019 pelo o Oscar, *Green Book: O Guia*, apesar do êxito, não desfrutou de muitos comentários positivos e parabenizações. Parte disso é devido a um dos produtores e roteiristas do filme, Nick Vallelonga, filho de Tony Vallelonga, no qual o personagem principal do longa é inspirado. Consequentemente, Nick foi cercado de insinuações de favorecer o próprio pai, fazendo então com que a história mostrasse apenas um ponto de vista: o de Tony Lip, o do homem branco. Além disso, a família de Don Shirley afirma nunca ter sido consultada, nem mesmo notificada, sobre tal filme, o que acaba por consolidar de forma mais firme a crítica da perspectiva única por parte do Vallelonga filho.

Outro elemento analisado foi o papel de Don Shirley dentro da trama, caracterizado pelos telespectadores como passivo. Um homem negro que conforma-se com o preconceito, não luta de maneira efetiva contra a violação de corpos pretos. Dessa forma, julga-se que um filme que podia ter um caráter antirracista, contra o preconceito e a favor da valorização da arte e da identidade de pessoas negras, converte-se em mais uma produção racista.

## CONTEXTO HISTÓRICO

O filme se passa na década de 60, especificamente no ano de 1962, quando os Estados Unidos enfrentavam diversas manifestações anti racistas contra a segregação racial imposta no Sul do país, surgindo figuras emblemáticas, como Martin Luther King Jr. e posteriormente, Malcom X, juntamente nessa luta contra o racismo.

Este problema racial entre os estados do norte e do sul é longínquo. Desde das trezes colônias, onde encontramos, um norte anti escravista e o sul a favor da escravidão, se direcionando para a Guerra Civil, e posteriormente, para o processo de

reconstrução do país, Leandro Karnal evidencia isso muito bem no seu livro, História dos Estados Unidos, das origens do século XXI;

Leis de segregação racial haviam feito breve aparição durante a reconstrução, mas desapareceram até 1868. Ressurgiram no governo de Grant, a começar pelo Tennessee, em 1870: lá, os sulistas brancos promulgaram leis contra o casamento inter-racial. Cinco anos mais tarde, o Tennessee adotou a primeira Lei Jim Crow e o resto do Sul o seguiu rapidamente. O termo “Jim Crow”, nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio “separados, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e outras para negros. Houve “leis Jim Crow” por todo o Sul. Apenas nas décadas de 1950 e 1960 a Suprema Corte derrubaria a idéia de “separados, mas iguais” (2007, p. 145)

É notório, até os dias atuais, a grande intolerância preconceituosa que o sul representa, portanto, é válido retornarmos ao pensamento, que estes conjuntos de leis são derrubados nas décadas de 50 e 60, um dado muito recente, mas a luta contra o racismo é evidente e constante até os dias de hoje

## ENREDO

Após abordarmos a contextualização histórica do filme, adentramos em seu enredo. A história é baseada em eventos reais, contando com dois protagonistas, Tony Vallelonga, abordado dentro de uma família italiana, racista e trabalhando como segurança de casa noturna, na qual, irá fechar para reformas, se vendo na necessidade de encontrar um novo emprego. Neste ponto, a narrativa encontra-se com Don Shirley, afro - americano, pianista, possuindo uma brilhante carreira, tocando música clássica para pessoas brancas, junto com sua banda, dois homens brancos.

Shirley, possui um contrato com a gravadora, fazer uma turnê para o sul do país, para isso, necessitava de um motorista, que pudesse cumprir algumas funções, como resolver possíveis problemas, um guarda-costas, obviamente por adentrar em um ambiente no qual, não era bem - vindo, um negro viajando em estados racistas e

segregando devido a sua cor. Portanto, procurava a pessoa ideal para este cargo. Sendo desta forma, que a vida de ambos os personagens se encontram, Tony soube da oferta de emprego, e ao ir até o local, espantou-se com a magnitude do ambiente, o contratante, Don, morava em cima de um teatro e sentava-se em um trono, seu apartamento, era composto por vários artefatos históricos. O pianista o contrata, julga-o ser a pessoa ideal.

Antes de seguirem viagem, é apresentado ao Tony, o Green Book, um guia que compõe os locais exatos que homens negros poderiam pisar em segurança em cada estado sulista, reunindo hotéis, bares, restaurantes, clubes noturnos, entre outros ambientes.

Durante o longa, é evidenciado outros apontamentos além do racismo, mas também xenofóbico, contra o Tony, devido sua ancestralidade italiana, e homofóbica, quando Don é encontrado em um clube com um outro homem, seu rosto é marcado por feridas realizadas pelos policiais, que o algema, mas o seu guarda-costas consegue evitar que o seu patrão vá para uma prisão, ao subornar os policiais com uma quantia de dinheiro.

A produção de Peter Farrelly, diretor do filme, também é caracterizada pela passividade do protagonista negro perante o enfrentamento ao racismo, no entanto, o italiano, inconformado com tais questões raciais. Na cena, onde os colegas se deparam com um terno agradável aos seus olhos e decidem entrar para experimentá-lo, o vendedor, acredita que a peça seria usada pelo homem branco, mas quando Shirley, se prontifica, visto que, o terno era para o pianista utilizar em suas apresentações, é recusado de vesti-lo, poderia comprar a vestimenta, e depois fazer os reparos. Don, demonstra conforma-se com a situação e Tony, inconformado pelo seu chefe.

O debate cultural, também é acarretado pelo drama. Em uma cena, onde ambos estão em uma rodovia chuvosa, dentro do carro, são parados por policiais, ao tratar-se de um homem negro no banco de trás, são alertados com uma advertência verbal, onde Shirley, naquele horário, não era permitido frequentar aquela rodovia. O motorista, argumenta ter perdido-se e ao questionado pelo seu nome, o policial reconhece sua ancestralidade, dizendo que era um negro como o Don, são detidos, devido a agressão

física de Tony perante o policial. Passam algumas horas na prisão, até o pianista conseguir o direito a um telefonema, realizando-o entrando em contato com o procurador geral, que ordena que ambos sejam soltos. O ponto específico que gostaríamos de ser atentado, é o retorno à viagem, depois da prisão. O italiano argumenta que seu mundo é muito mais negro do que de Don, pois ele acorda todos os dias para trabalhar, enquanto Don mora em um castelo, onde escuta e consome mais aspectos culturais, do que o próprio pianista negro. No entanto, ao defender-se, Shirley disserta sobre não ser suficientemente branco ou negro para ambas as classes, pois ao tocar para os brancos, é classificado como um bom profissional, mas ao sair do palco é como um negro qualquer, porém também não é suficientemente negro para a sua cultura, devido a não ser também como eles.

Encaminhando-se para o final da trama, é notória a amizade construída entre ambos, mas deparam-se com mais um desafio. Don, iria fazer sua última apresentação, no dia 23 de dezembro, em um clube sofisticado, em um primeiro momento, questionou onde seria o seu camarim, deparando-se com uma dispensa para aprontar-se, posteriormente, questiona se poderia jantar juntamente com seus colegas de trabalho, que estavam na mesa, e é negado, um homem negro jamais havia comido naquele lugar, mesmo que, centenas de pessoas estavam ali para prestigiar o seu trabalho. O lugar que deveria comer, era na dispensa no qual se arrumou, e este torna-se o primeiro momento que Don, não se conforma como racismo sofrido no ambiente sulista, rompendo seu contrato, não apresentando-se naquele ambiente.

Eles encontram um bar onde encontrava-se apenas negros, e Don Shirley, toma a liberdade de tocar suas músicas perante aquelas pessoas, que apreciam sua arte com entusiasmo, o pianista se alegra com a recepção calorosa, dizendo que poderia fazer aquilo de graça uma vez por mês, por fim, o filme termina com Shirley voltando para casa e ceando com a família de Tony.

## ANÁLISE TEÓRICA

### ANÁLISE DO ELEMENTO MÚSICA

A música é um elemento fundamental no filme, que precisa ser devidamente analisado. Segundo Napolitano (2002, p. 36), “o historiador não pode negligenciar os efeitos da conjuntura histórica que ele está estudando e o papel da música em espaços sociais e tempos históricos determinados.”

Partindo para uma análise teórica do enredo, é salientado que o doutor Shirley é assim chamado porque atingiu o grau de doutorado em seus estudos de psicologia, além de ser poliglota e de seu talento como pianista, cujos estudos ele iniciou ainda muito jovem, começando a ser ensinado por sua mãe. Conforme ele crescia, viajava com sua família pelo estado da Flórida, fazendo shows em igrejas e teatros. Foi descoberto tor um homem que lhe ofereceu uma vaga no conservatório musical de Leningrado, do qual ele foi o primeiro negro a frequentar em seus estudos. Lá, ele aprendeu música clássica, como Brahms, Liszt, Beethoven, Chopin, tudo o que ele queria tocar. Apesar disso, sua gravadora acabou por persuadi-lo a seguir carreira na música popular, pois o público não aceitaria um pianista negro tocando música clássica

Segundo Marcos Napolitano (2002, p.13), “O terceiro momento de “crise” e mudança na música popular, vem depois da II Guerra mundial, com o advento do rock’n roll e da cultura pop, como um todo.”. Esse advento do jazz e outros gêneros musicais contribuíram para que as diferenças entre o que se considera música erudita e música popular se mostrassem cada vez mais claras:

Portanto, em linhas gerais, o que se chama de “música popular” emergiu do sistema musical ocidental tal como foi consagrado pela burguesia no início do século XIX, e a dicotomia “popular” e “erudito” nasceu mais em função das próprias tensões sociais e lutas culturais da sociedade burguesa do que por um desenvolvimento “natural” do gosto coletivo, em tomo de formas musicais fixas. (NAPOLITANO, 2002, p. 14)

A classe mais alta, com os donos dos meios de produção, insiste em demonstrar seu status e consumir a música dita como erudita, da qual um dos principais elementos é o piano. O próprio personagem fala sobre essa questão, quando diz que “tem gente branca rica que paga para tocar pra eles, porque se sentem mais cultos. Acontece que depois que eu saio do palco, volto a ser apenas mais um negro pra eles, porque essa é a cultura deles”.

[...] para os adeptos da música erudita e seus críticos especializados, a música popular expressava uma dupla decadência: a do compositor, permitindo que qualquer compositor medíocre fizesse sucesso junto ao público, e do próprio ouvinte, que se submetia a fórmulas impostas por interesses comerciais, cada vez mais restritivas à liberdade de criação dos verdadeiros compositores. Além de tudo, conforme os críticos eruditos, a música popular trabalhava com os restos da música erudita e, sobretudo no plano harmônico-melódico, era simplória e repetitiva. (NAPOLITANO, 2002, p.15).

Esse estabelecimento de que música deve pertencer a que grupo e que cultura também é uma questão vista no filme, em uma cena que Tony e o doutor estão viajando e o rádio está tocando músicas famosas interpretadas por artistas negros. O motorista acha estranho o fato de o doutor não conhecer a música “de sua gente”, e essa discordância vai vir à tona novamente na cena em que o pianista lhe explica sobre sua formação e como gosta de tocar músicas de compositores tidos como clássicos, dando o exemplo de Chopin. Porém, apesar de seu talento ter sido reconhecido internacionalmente, seu produtor em sua gravadora o aconselhava a se focar em compor suas próprias canções com foco no jazz, pois para a alta elite, um negro tocando piano, tido como “o príncipe dos instrumentos”. Essa diferença vai culminar nos acontecimentos do último show, em que o pianista decide não se apresentar em um lugar que só o valorizava por seu talento e termina a noite indo tocar em um humilde bar de negros com uma banda de jazz. Naquele pequeno momento, sua realização é tão grande que ele, ao sair, diz que poderia fazer isso uma vez por mês de graça, pois o que ele sentiu tocando para aquelas pessoas vale mais do que isso.

## ANÁLISE TEÓRICA PARA USO EM SALA DE AULA

Como já foi especificado, o filme aborda um período da história de vida do pianista Donald Shirley, apesar de ele ser o personagem coadjuvante. Também é necessário salientar que sua família se manifestou alegando que a produção do filme nunca procurou por eles para fomentar o filme, que foi feito segundo a visão da família de Tony Vallelonga. Apesar desse fato, é importante notar que apesar da caracterização e contextualização adotadas no longa-metragem, ele não tem nenhuma obrigação de ter compromisso com a realidade. Como dito por Napolitano, “é sempre louvável quando um filme consegue ser “fiel” ao passado representado, mas esse aspecto não pode ser tomado como absoluto na análise histórica de um filme”.

O autor prossegue dizendo que as possibilidades metodológicas apontam para uma “necessidade de articular a linguagem das fontes e as representações de seu conteúdo” (2005, p.237). Ele então propõe que primeiramente seja analisada a natureza técnico-estética do filme, levando em conta os mecanismos utilizados.

Assim, o filme se apresenta para os espectadores sob a forma de uma imagem plana e delimitada por um quadro (como na pintura, onde tem um limite recortado), de forma bidimensional e limitada. Dessa forma, a câmera escolhe o que vai estar representado nesse quadro e, atrelado a esse recorte, o restante do objeto que não está no quadro também faz parte da criação, da cena do filme.(SILVA E MADIO, 2016, p. 975).

Os autores Silva e Madio irão dizer que o cinema se utilizará dos sentidos humanos para potencializar a experiência. De forma resumida, a imagem plana é delimitada em seu espaço imaginário, o qual o espectador pode ter uma ideia mas não consegue ver em sua totalidade. O som tem um papel fundamental nessa construção e ambientação, por unir o que está dentro e o que está fora. Ainda assim, o componente mais importante da linguagem do cinema é a câmera, que vai sempre direcionar para o que quem assiste deve olhar:

Assim, o olhar da câmera passou a indicar o que se deve olhar, recortando o que é para ser visto, deixando do lado de fora da imagem o que não interessa. O papel da câmera móvel tem a função de guia do

que o espectador deve ver a fim de manter o foco na história através do direcionamento do olhar da câmera. (2016, p. 978).

Retornando à análise proposta por Marcos Napolitano, esse papel desempenhado pela câmera vai trazer também uma participação do espectador. O autor faz uma cita aqui Certeau sobre isso: “Para ele, o receptor também produz sentidos, por meio de apropriações simbólicas, filtradas pelo repertório cultural de cada um, pouco perceptíveis pela sociologia mais tradicional.” (2005, p. 251). Segundamente, Napolitano diz que deve-se analisar propriamente a representação do cinema, que no caso do Brasil, é uma área ainda muito pouco debatida, tendo ainda muitos problemas que ele aponta a seguir, sendo o principal deles a tendência a se aceitar, em grande maioria, apenas documentos oficiais e fontes por escrito. De acordo com ele, o cinema viu possibilidades de se desenvolver com a história antes de a história perceber de que formas poderia usar o cinema em seu auxílio, levando sempre em conta que os filmes e produções audiovisuais nunca são completamente comprometidos com a realidade:

O cinema descobriu a história antes de a História descobri-lo como fonte de pesquisa e veículo de aprendizagem escolar. No início do século XX, os “filmes históricos” quase foram sinônimo da ideia de cinema, tantos foram os filmes que buscaram na história o argumento para seus enredos. (2005, p. 240).

Napolitano também relembra as três possibilidades de relacionar o cinema com a história, sendo elas: o cinema na história, a história no cinema e a história do cinema. Neste caso, o utilizando como uma possível interpretação do passado, mais uma vez levando em conta que essa visão não pode ser tida como a única oficial.

Este tópico finalizar-se-á com uma citação a Certeau, abordando a necessidade de o docente usar a cultura de massa (na qual se inclui o cinema) para estabelecer diálogo com os alunos, por ser algo com o qual eles estão familiarizados, e o conhecimento prévio e um aliado para que a aprendizagem ocorra:

O docente engana se, portanto, quando coloca a coragem intelectual na urgência de *manter* um discurso próprio. Corre o risco, com isso, de não se fazer ouvir e de fracassar igualmente na sua principal tarefa, ao mesmo tempo pedagógica e científica. Não se faz ouvir porque, crendo falar em nome de um saber “superior” (por suas origens e suas referências), entra, *na realidade*, em um sistema acumulativo onde sua afirmação não pode ter o sentido que ele lhe dá. Por conseguinte, se o escutam (mas não o “ouvem”), é porque ele é inevitável e necessário, como guardião da porta do exame e de tudo que se acha atrás dela. (CERTEAU, 2010, p. 113).

## EDUCAÇÃO

## LEGISLAÇÃO

Art. 1ª A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

[...]

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

1ª O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil

2ª Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A lei 10.639 tem como função tornar obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, abordando tais temas relacionando com a realidade da instituição de ensino, independente se essa for pública ou particular.

Essa lei tem grande importância, pois ela é o resultado de muita luta de movimentos negros brasileiros que trás para a realidade de escolas brasileira uma cultura até então distante do imaginário do discente.

A obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira representa um marco, que caracteriza uma reestruturação no sistema educacional oficial brasileiro, tanto nas escolas públicas quanto particulares para o trabalho com a educação das relações etnicorraciais. (EUGENIO, BRITO, SANTANA.2016, p. 8)

É muito vivo na mente não só de estudantes, como também de seus familiares o ideal construído de África pobre, África de animais silvestres, ou o mais aquela que não produz cultura, entre outras. Por isso é de grande importância o ensino sobre esse vasto continente em sala de aula. Isso se vale para a cultura afro-brasileira, e para as religiões de matriz africanas, pois há ainda um mito em torno dessas, ou ainda um preconceito concebido de uma religião sobre outra, caracterizando-a como errada, trazendo a realidade um racismo religioso velado ou até mesmo descarado, como quando há a queimas de diversos terreiros no país, ou quando algum líder religioso desrespeita os ritos e costumes de tal religião.

Desse modo, o ensino de religiões (e não de uma religião) na escola não deve ser feito para a defesa de uma delas, em detrimento de outras, mas discutindo princípios, valores, diferenças e tendo em vista – sempre – a compreensão do outro. (SILVA, Eliane Moura da, 2004, p. 2)

A educação antirracista deve ser entendida e colocada em prática para que se tire do jogo o conceito de raça (já ultrapassado) construído nos séculos XVIII e XIX, com a História da Natureza do Conde de Buffon, onde o negro é classificado como uma raça inferior em relação ao branco. Com esse conceito, passou-se a ser validado a segregação e o desrespeito da pessoa branca para com o negro. Ainda hoje, é visto algumas falas nesse sentido, onde o negro ainda é classificado como inferior, mesmo sem ele um dos agentes de grande importância para a construção do país. O que a lei 10.639, embora a prática não esteja presente na realidade escolar ainda, tem como objetivo a reeducação das relações entre etnias e raças existentes em todo o Brasil, promovendo assim o respeito às diferenças étnicas, ela é importante, também para minimizar a diferença entre negros e brancos como diz o texto:

GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.. As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book". Ets Educare - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.4, v.3, p.1-18, 2025. e-ISSN 2965-4165  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15200342>

[...] são necessárias para minimizar as diferenças de oportunidades que há ao compararmos brancos e afrodescendentes. As cotas raciais se configuram numa vitória da militância negra para que sejam reparadas todas as injustiças implementadas pelo sistema escravocrata e ainda mantidas até os dias atuais. (EUGENIO, BRITO, SANTANA., 2016, p. 595 e 596, apud CLAPP, 2011)

No entanto, para obter uma educação antirracista eficiente, é necessária a formação do corpo docente, e uma formação para futuros professores para a abordagem do tema em sala de aula, ou seja uma educação continuada, Deve-se ter o cuidado ao restringir esse ensino somente ao mês de novembro, ou de acabar por folclorizar os estudos afro-brasileiros, fomentando ainda mais conhecimentos distorcidos sobre a cultura. Ao limitar a aprendizagem das africanidades somente ao mês de novembro, mês da consciência negra, as instituições não abrem espaço para um diálogo entre discentes e docentes, o que por sua vez, acaba por limitar a formação de identidades de alunos e alunas negras. Embora pautada na lei 10.639/03 a teoria e prática dos estudos etnicorraciais ainda é muito distante, tanto para alunos, quanto para professores. Em grande parte das escolas, a função de estabelecer alguma atividade sobre cultura afro-brasileira e africana fica para o próprio docente, sendo esses conteúdos descentralizados do currículo escolar, já que a seleção cultural dos currículos leva em consideração somente o conhecimento determinado pelo Estado. Quando aplicada, mesmo que fugindo da realidade do currículo, e ensino não é bem recebido pelos discentes, como no caso do artigo “As relações etnicorraciais em escola de educação básica: análise de uma experiência” onde os professores por diversas vezes já foram questionados se eram da “macumba”, pois só falavam de África.

## APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

A aplicação da lei 10.639 tem grande importância na construção de identidade de alunos negros, visto que o que é estudado na escola não tem contribuído positivamente para a construção de tal coisa. Assim como o personagem do filme que não se identificava nem como negro, nem como branco, mesmo sendo ele um

especialista da cultura clássica, que é em sua maioria branca. No entanto, ele só é útil enquanto está tocando, mas ao sair dos palco passa a ser um negro qualquer, que sofre racismo assim com qualquer outro afrodescendente. Com isso, a escola tem como função garantir que alunos negros ou brancos conheçam a vasta cultura brasileira, e para os alunos afro-brasileiros, que possam se identificar com sua cultura e ancestralidade, não ficando leigo de sua própria história.

O filme *Green Book*, abre possibilidades de discussão sobre dois temas principais, o primeiro é do papel representativo para crianças e adolescentes negros, tendo em vista que muitas crianças afrodescendentes não conseguem identificar sua negritude, não se encaixando na massa branca da população, justamente por conta do seu tom de pele e por possuir características de uma pessoa negra, ficando a merce dessa sociedade, onde ele não se encontra em lugar algum. Por isso a construção da identidade desse discente pode ser trabalhada através do personagem Don Shirley que se encaixa perfeitamente nesse lugar de não pertencimento, assim como muitos estudantes. E pode ser utilizado para entender o contexto de segregação racial vivido pelos EUA. É importante que esse filme seja aplicado nas turmas de Ensino Médio, pois o filme tem classificação de 14 anos. Por fim, além de abordar temas raciais, o filme possui temas um pouco mais sensíveis, como sexualidade e homofobia, xenofobia.

Assim como diz a autora Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro “O perigo de uma história única”, a história única é fomentada e predominada pelo poder, ele permite que o que está sendo contado se torne a verdadeira história de um povo inteiro, ela diz: “ O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” Com isso, ensinar somente a história eurocêntrica, a clássica, bonita, de desbravação, mantendo somente uma versão dos acontecimentos, dá-se o domínio sobre um povo inteiro, onde esse não consegue encontrar-se em lugar algum, e à escola é atribuído o papel de libertação de um indivíduo de outros indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.. As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book". *Ets Educare - Revista de Educação e Ensino*, Curitiba, n.4, v.3, p.1-18, 2025. e-ISSN 2965-4165  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15200342>

Tendo em vista o que foi discutido ao longo do presente ensaio, o filme oferece muitas possibilidades para uso em sala de aula para que se possa estabelecer um diálogo um pouco mais dinâmico do que o modelo tradicional de exposição. Além disso, essa proposta também contribui com o cumprimento da lei de ensino de história afro-brasileira nas escolas, mesmo que o filme tenha uma abordagem mais voltada para a história vivida nos EUA do que no Brasil.

Dessa forma, o objetivo é que os alunos tenham contato com os problemas apontados no enredo do filme, juntamente com questões propostas pelo professor para guiar as discussões, e questionar-se mais, levando em conta debates que são frequentemente deixados de lado, por, eventualmente, serem considerados temas tabus ou óbvios demais, e não deveriam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Editora Papirus, Campinas, 2010.

CLAPP, Andrea Salvador. *Ação Afirmativa na PUC-Rio: a inserção de alunos pobres e negros*. Editora PUC, Rio de Janeiro, 2011.

DO NASCIMENTO NGANGA, João Gabriel. Harlem Renaissance. Revista História: Debates E Tendências, v. 21, n. 2, p. 117-129, 2021.

EUGENIO, Benedito, BRITO, Fabiano, SANTANA, Marise de. *As relações etnicorraciais em uma escola de educação básica: análise de uma experiência*. Revista de Humanidades, Fortaleza, 2016.

KARNAL, Leandro, PURDY, Sean, FERNANDES, Luiz Estevam, MORAIS, Marcus Vinícius de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

LEI nº 10.639, de janeiro de 2003. Planalto, 2003. Disponível em

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em 22 de novembro de 2022

GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.. As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book". Ets *Educare* - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.4, v.3, p.1-18, 2025. e-ISSN 2965-4165  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15200342>

NAPOLITANO, Marcos. *A história depois do papel*. In: Fontes Históricas, org. Carla Bassanezi Pinsky. Editora Contexto, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *História e Música: história cultural da música popular*. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

PICKETT, Nikisha M.. *Victor H. Green - Author and Pioneer*. Highway History, 2021. Disponível em <https://www.fhwa.dot.gov/highwayhistory/green.cfm>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

POR que ‘Green Book’ é criticado por ativistas e familiares de Don Shirley. Revista Galileu, 2019. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/02/por-que-green-book-e-criticado-por-ativistas-e-familiar-es-de-don-shirley.html>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira*. Editora Barlavento, Ituiutaba, 2015

SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania*. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, 2004.

SILVA, Luiz Antonio Santana e MADIO, Telma Campanha Carvalho. *Linguagem Cinematográfica e Documentos Audiovisuais: Compreendendo Seus Elementos*. VI Seminário em Ciência da Informação, Londrina, 2016.

GARCIA, E.A.R.; LEITE, L.S.; SILVA, M.P.; MOREIRA, M.B.D.S.. As possibilidades do cinema em sala de aula: "Green Book". *Ets Educare - Revista de Educação e Ensino*, Curitiba, n.4, v.3, p.1-18, 2025. e-ISSN 2965-4165  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15200342>